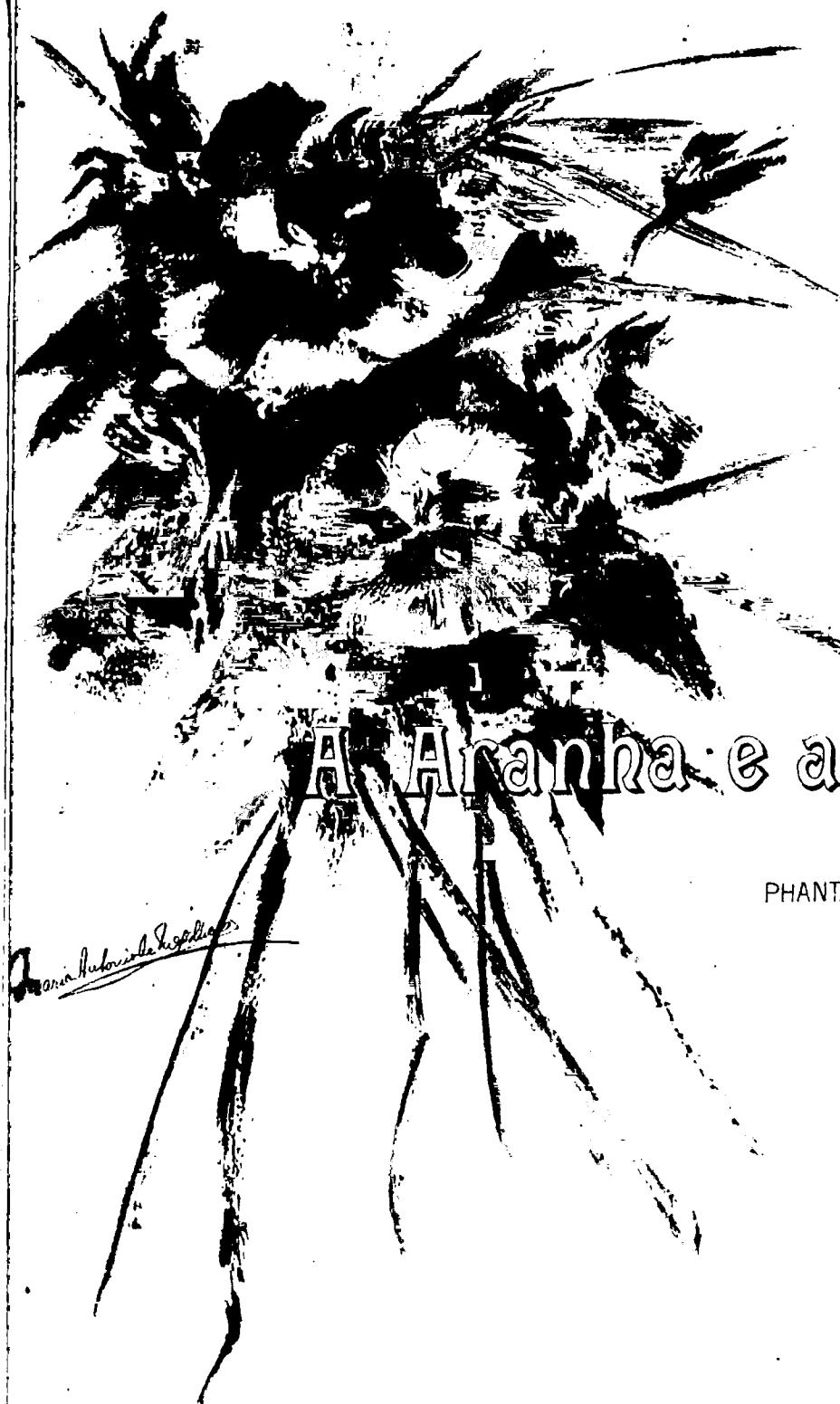


LUZ GUMARIES (FLHO)

A AGUADA E A MUSICA



Luiz Guimarães (filho)



A Aranha e a Môsca

PHANTASIA EM VERSO

Carin Autuori de Figueiredo

SECÇÃO EDITORIAL DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
50, LARGO DO CONDE BARÃO, 50,
LISBOA

A Aranha e a Mósca

⇒ Obras de Euiz Guimarães (filho) ⇌

Versos intimos (1894)—Edição exgottada.

Livro da minha alma—(1895)—Ricamente encadernado em percalina, com o retrato do auctor.

Idyllios chinezes—(1897)—Com exquisitas capas de papel do oriente. Edição quasi exgottada.

A Aranha e a Môsca—(1897).

EM PREPARAÇÃO

Versos do Paraíso.

Dança macabra.

Luiz Guimarães (Filho)

A Aranha e a Môsca

PHANTASIA EM VERSO



LISBOA
Secção Editorial da Companhia Nacional Editora
ADMINISTRADOR - Justino Guedes
50, Largo do Conde Barão, 50
Agencias: PORTO, Largo dos Loyos, 47, 1.^o
RIO DE JANEIRO, Rua da Quitanda, 38
1897

D'esta edição fez-se uma tiragem
especial de quatro exemplares em
papel Wathman, numerados e ru-
bricados pelo auctor.

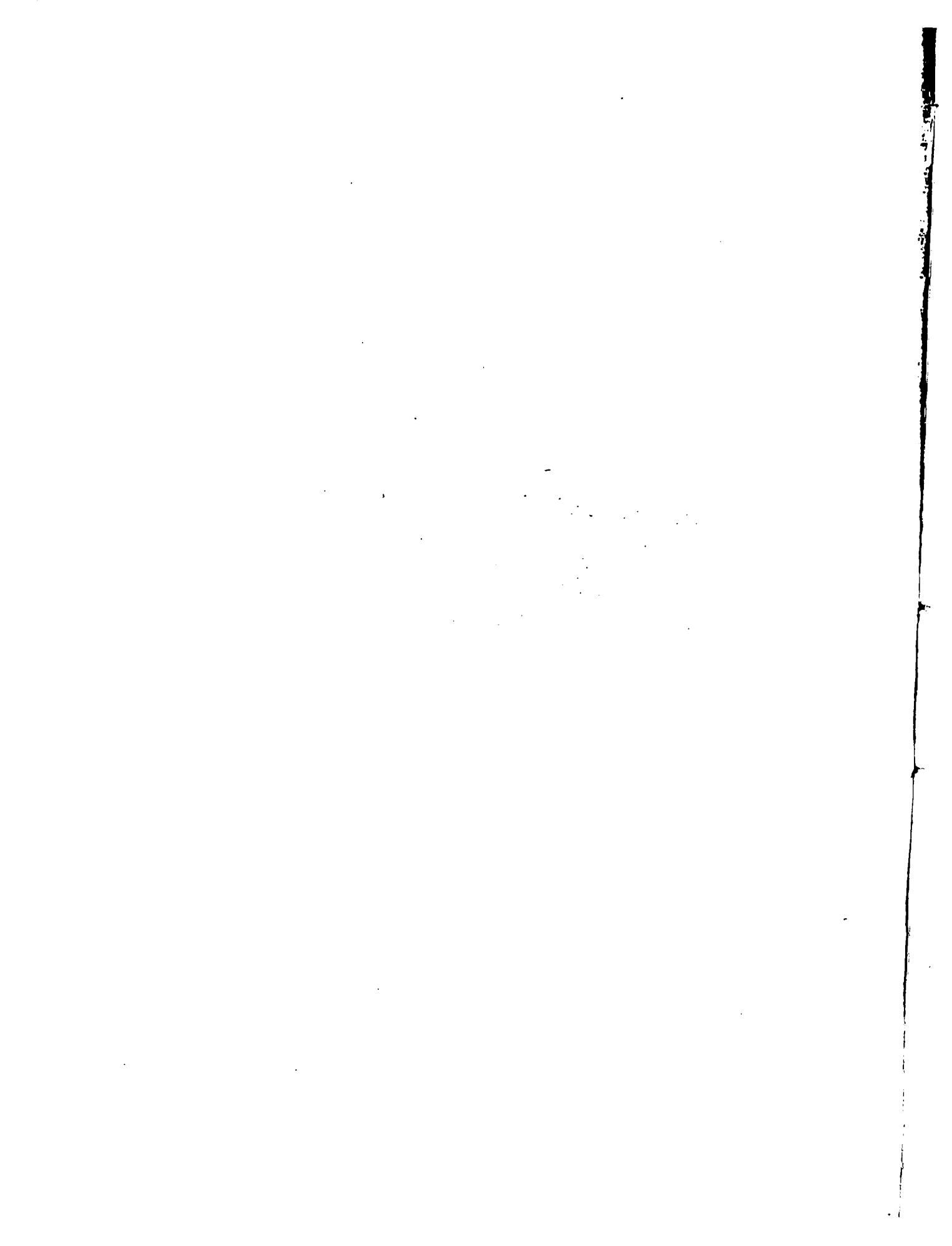
PERSONAGENS

LYDIA, formosa atheniense, de preciosos cabellos dourados.

ARISTEU, pastor do Egypto, apaixonado por Egina.
EGINA, escrava favorita de Lydia.

NISÉA }
SCYRIA } escravas de tez bronzeada.

Em Athenas



SCENA I

Camara sumptuosa forrada de púrpura.

A abobada repousa sobre quatro grossas columnas de pseudomáragdus, d'onde pendem, sustidas por aneis de marfim, preciosas colchas de Melibéa.

A' direita, uma porta dando sobre um terraço.

Ao fundo, um enorme espelho, cercado de doiraduras.

Aqui e alli, objectos d'arte em quartzo vermelho.

Sobre um tamborete junto ao leito, várias taças de amethysta com vinho de lotus.

No pavimento, em marmore de Páros, petalas dispersas de rosas, jacinthos, papoulas e açucenas claras.

Crepusculo.

Reclinada sobre o leito de pórphyro vermelho do Egypto, coberta apenas por um véo transparente, Lydia repousa, com os olhos quasi cerrados.

A sua bôcca morde o tenro caule de uma grande papoula — symbolo do esquecimento.

Em volta do leito, ajoelhadas sobre almofadas de pennas de ibis, as tres escravas, Egina, Nisca e Scyria, contemplam a bella atheniense.

LYDIA

Egina! faz calor nesta maldicta casa . . .

No meu peito crepita um fogo que me abraza,
E róe-me o coração deliciosamente!

em voz baixa

O meu pastor é lindo! é como o sol nascente!

Uma só vez o vi e já me sinto louca!

Hei de chupar-lhe o mel que lhe perfuma a bôcca,

— 5 —

E, depois de beber encantadores gosos,
Nos seus braços sonhar sonhos voluptuosos!

em voz baixa

Da minha bôcca em flôr hão de sahir gorgeios,
Quando sentir a d'elle a separar-me os seios!

com um suspiro de resignação

Ah! preciso ceder-lhe uima breve entrevista,
Ainda que depois se gabe da conquista . . .

EGINA

O teu pastor, oh! Lydia! é lindo como o Sol . . .
A sua voz parece a voz do rouxinol!
Mas toma tento e finge até aborrecê-lo!
Embora sejas fogo, assemelha-te ao gelo . . .
Aos homens sobra a manha e falta o coração,
Tanto dizem que sim como dizem que não . . .
Gostam de nós um dia, e apenas satisfeitos,
Vão variar d'amor na alvura d'outros peitos!
Acautela-te, oh! Lydia! . . . a voz dos homens mente
Mesmo quando têm fé!

LYDIA

Por Zeus! um sangue ardente
As minhas veias queima a supplicar desejos!

NISÉA

E os teus labios de deusa imploram doces beijos!

LYDIA *excitada e nervosa*

Eu queria morrer no vigoroso abraço
D'um hercules da Phrygia . . .

sorrindo com vaidade

o que cahir no laço!

com a voz melliflua

Amaciar, de leve, á hora dos crepusculos,
Na sêda do meu seio a curva dos seus musculos!
Ouvindo-o relatar da lucta a narração,
Estirado a meus pés como um loiro leão!

NISÊA

Tudo poderás ter porque és formosa e linda!

SCYRIA

Inveja-te a Aphrodite . . .

EGINA

E não mostraste ainda
A marmórea nudez do teu corpo ideal!

NISÊA

Pois és da bella Helena a unica rival!

LYDIA *levantando-se, entusiasmada, para as escravas:*

Arranquem-me, por Zeus! o manto que me vela,
E a púrpura de Cós que o corpo me modela!

Eu quero-me mirar ás beiras verdejantes
Das fontes da Castalia, em busca dos amantes!

Põe-se de pé, deixando escorregar o manto e ficando maravilhosamente nua, no meio da camara, em frente do espelho.
As escravas deitam-se a seus pés, enquanto Lydia se mira no vidro.

NISÉA

Nos lindos olhos tens vagos clarões vermelhos!

SCYRIA

Não ha rosas na Thracia eguaes aos teus joelhos . . .

LYDIA falando a uma visão
Aqui me tens, pastor! . . . e dize-me se existe
Um corpo igual ao meu! . . . repara bem! já viste
Duas côxas assim tão lizas como as minhas?
Contempla do meu corpo as sedutoras linhas!

EGINÁ

Na Héllade não ha identico thesoiro!

As escravas desprendem-lhe o cabello que escorre gloriosamente pelas costas nuas.

SCYRIA

Como és formosa e branca! . . . o teu cabello é d'ouro!
Tens a gloria da luz a arder sobre o teu collo . . .
Não ha deusa que a exceda, e nem o proprio Apollo
Offuscaria o brilho, ardente e deslumbrante,
D'esse loiro cabello! . . .

*LYDIA mergulhando os dedos cheios de pedrarias
no ouro resplandecente das suas tranças.*

E os labios de um amante,

Gostariam de haurir o aroma precioso
Que d'estas ondas sáe a entontecer de goso...

NISÉA

Os teus braços de neve imitam cobras brancas!

SCYRIA

E a pelle do teu corpo é mais fina nas ancas!

EGINA

Teus hombros são eguaes ás azas da cegonha!

NISÉA

Parece o teu olhar que eternamente sonha!

SCYRIA

Se Páris te encontrasse o pômo era p'ra ti!

EGINA

E's rica e preciosa!

SCYRIA

a vida te sorri!

NISEA

O teu riso traduz uma doce caricia!
Teus labios têm a côr d'esses lírios da Lycia,
Vermelhos como o fogo, ardentes e perfeitos,
Que as virgens usam pôr no intervallo dos peitos!

SCYRIA

E's mais bella que Cypre! és a deusa das Lydias!

EGINA

O teu corpo é rival dos marmores de Phidias!

baixinho

Se o teu pastor te visse assim tão núa e linda,
Por Zeus, enlouquecia!

LYDIA *também em voz baixa*

Ha de me vêr ainda!

Dirige-se para o leito e recolina-se cerrando os olhos.

A escravas ungem-lhe o corpo com deliciosos aromas : Egina esfrega-lhe os joelhos com myrrha, unguento de nardo e cinnamômo ; Nísica cobre-lhe os cabellos com um óleo espumoso, côr d'ouro, que o faz resplandecer celestialmente ; e Scyria produz sobre o seu peito uma vermelha chuva de petalas de papoulas.

EGINA

Se elle te visse agora imaginava vêr
A divina Aphrodite! e o lúbrico prazer
Que o seu olhar teria em frente dos teus braços,
Oh! Lydia! era capaz de embebedar-lhe os passos!

LYDIA *com fingida modestia*

Achas-me linda, então?

EGINA

Não ha belleza igual!
Excedes à Danáe na torre de crystal . . .
O teu olhar imita os dardos mil de Apollo,
E o perfume do thymo emana do teu collo . . .
P'ra o teu corpo envolver em vigorosos laços,
Chama por Briareu, gigante de cem braços!

LYDIA

Por Zeus! se tal tivesse ainda mais queria!
E os meus cabellos? . . . fala! . . .

EGINA

Ai! fazem raiva ao dia!

LYDIA

Égle armava crueis enganos aos pastores . . .

com fingida tristeza

Era linda tambem! era rival das flôres!
E Tynandra, a gentil donzella da Thessalia,
Tinha no lindo rosto a viva côr da dhalia!

depois de uma pausa

Mas não seria Alceste assim como eu formosa?

EGINA

Nunca foi, impostora!

LYDIA *fingindo-se zangada*

Atrevida!

EGINA *sorrindo*

Vaidosa!

LYDIA *erguendo-se do leito*

Porém é tarde já! e a noite é que eu procuro!

para Egina

Dá-me os vestidos, anda!

Egina lança-lhe aos hombros um zaimph todo em setim azul-celeste, com charpas de seda branca.

LYDIA

Agora é tudo escuro!

Ninguem julga que eu seja a amante de um pastor!

approxima-se da porta, examinando o céo, sem luar

Até Phœbe, por Zeus! protege o meu amor!

volla para o interior, collocando-se defronte do espelho. Para Egina:

Dá-me a pulseira d'ouro ornada de saphyras . . .

Egina obedece

E o collar de rubis!

Egina prega-lhe o collar no pescoco, deixando escapar um suspiro

LYDIA admirada

Por que razão suspiras?

EGINA

É que presinto um mal baixando sobre ti!

LYDIA

Estupida!

mirando o penteadão ao espelho

procura o gancho de rubi!

Aquelle que Chilôn me trouxe de presente . . .

Avia-te, por Zeus!

EGINA *pregando-lhe o gancho*

Ficas divinamente!

Agora estás até mais linda com certeza!

olhando para o terraço

A Lua, se te vir, inveja-te a belleza!

AS OUTRAS ESCRAVAS

Que linda que tu vaes por essa noite fóra!

EGINA

Mais pura que Cybele, e mais loira que a Aurora!

NISÉA

Mas p'ra que vaes correndo em busca de um pastor
A estas horas más?

LYDIA *falando só*

O bosque é seductor,
Ninguem me vê na rua, a atravessar a Praça!

encolhendo os hombros com desdém

Passarei para a plebe, incognita ou devassa!

com entusiasmo

Mas quero ouvir gemer a flauta arrebatada
Do meu pastor por mim chamando apaixonada!

vallando-se para as escravas

Para que tendes vós uma bôcca vermelha,
Se ella não vae pousar, como a amorosa abelha,
Na bôcca de um pastor, affavel e cruel,
Buscando em cada beijo uma illusão do mel!

EGINA

Mas é tarde de mais e não tens companhia!
O perigo da treva ultrapassa o do dia!

LYDIA *com raiva*

Parva! não sabes nada!

EGINA

Ai! vives d'illusões!

Mas afinal verás que eu tenho mil razões . . .

Já que teimas, adeus!

As escravas dirigem-se para a porta acompanhando Lydia. Esta, antes de entrar no terraço, queda-se um instante, a contemplar a noite.

LYDIA *com entusiasmo*

Tudo convida a amar!

Em cima o céo de seda, e em baixo o rude mar,
Como um velho leão de enormes jubaras brancas!

EGINA

Do fundo do teu peito o entusiasmo arranca!

LYDIA *extasiada, olhando para o céo*

Hei de tê-lo esta noite!

EGINA

Ai! tudo o que quizeres

Poderás ter! . . . és deusa!

tristemente

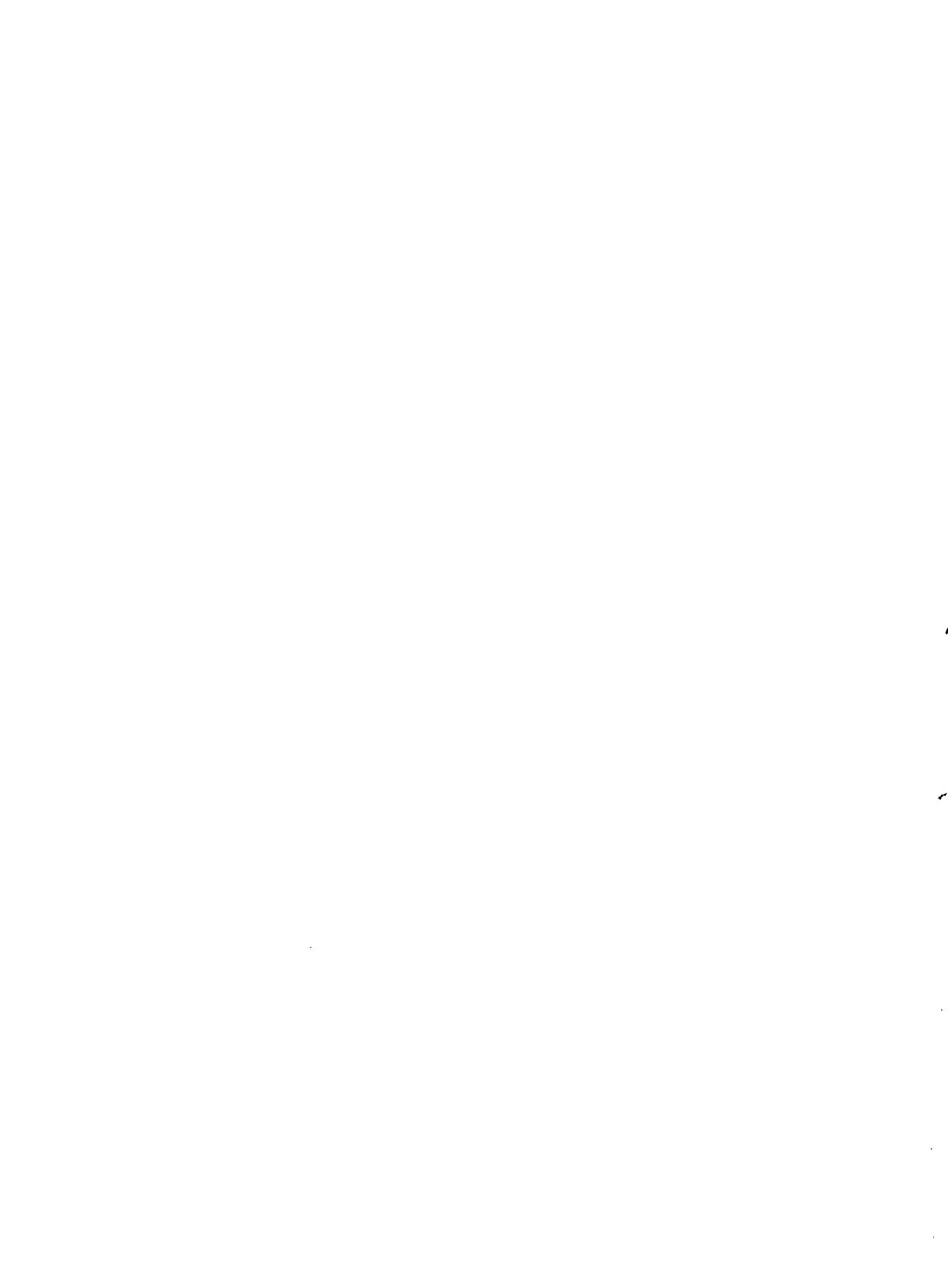
e nós somos mulheres!

LYDIA *deixando as escravas, e encaminhando-se para o terraço*

Meu pastor! meu pastor! como serão gostosos,
Os teus labios sabendo a verdes serranias!
Quem me déra, por Zeus! beijá-los e mil gosos
Fruir dos beijos mil nas doces harmonias!

As nymphas hão de vér os teus braços e os meus,
Unidos, par a par, como brancas serpentes,
E, no alto do Olympo, o soberano Zeus
Tremerá quando vir que beijas os meus dentes!
Meu pastor! meu pastor! as bôccas dos ephêbos
São mellifluas e vis!... Não gosto dos mancebos!
Prefiro a rude bôcca, indiferente ao inverno,
Cheirando á crespa serra e ao vinho de Falerno!

sae



SCENA II

Um lago limpido como uma pedra preciosa.

Em volta, curvadas sobre a lympha, enormes palmeiras fechando uma abobada de verdura.

Noite fechada.

O pastor Aristeu, sentado na margem, com os pés turvando a agua, tange a lyra melodiosamente.

No céo de velludo preto, a loira Phœbe resplende com suavidade.

No lago, de quando em quando, assomam á superficie, exquisitos peixes, esmaltados a côres.

O bosque é escuríssimo, e, sob as grossas coníferas, ha caramanchões cravados de pyrilampos.

A voz de Aristeu, cheia de tristeza, atravessa o silencio da noite :

Ai! venho de bem longe, morto e afflito,
Por quem me póde dar felicidade!
Minhas cabras deixei no verde Egypto!

Chorarei os meus males na Cidade,
A Bubástis rogando terno auxilio,
Por Zeus arrebatado sem piedade . . .

O meu amor arrasta-me a este exilio . . .
Mas, ai de mim! que não consigo vêr
A formosa paixão do meu idyllio!

Já não posso, sequer, adormecer:
 Que se a morte me traz repouso brando,
 A manhã me arrebata o meu prazer!

A mim ninguem se chega, receando
 Que a minha dôr, por desventura, siga
 A quelles com que topo caminhando . . .

O crocodilo, quando se fatiga
 E vae dormir nas grandes margens bellas,
 Abre a fauce acatando a sorte amiga . . .

E o colibrí de plumas amarellas,
 Pra o consolar penetra-lhe na bôcca,
 Lambendo-lhe os insectos das guelas!

Mas, por Ælúro! a minha sorte é pouca!
 Ninguem as minhas máguas allivia,
 E tenho a voz de tanta dôr já rouca . . .

A Nilópolis fui em romaria,
 Orei no templo, e as ambições sentindo,
 Cheio de fé viajei e de alegria . . .

Busíris deslumbrou-me, e o templo lindo
 A Isis consagrado onde ha riquezas!
 Vi o lago de Mœris quasi infinito . . .

No templo d'Orus tñnbem vi bellezas!
 Lá onde as phœnix d'auri-rubras pennas,
 Vão enterrar os paes, entre grandezas . . .

Pela Lybia corri horas amenas!
 Até que um bello sonho que sonhei,
 Arremessou-me á colossal Athenas!

No Palacio de Sáis um dia entrei,
 E vinte estatuas núas de mulheres
 Defronte dos meus olhos deparei . . .

Uma fitou-me e disse assim: se queres
 Da minha bôcca o nectar e as doçuras,
 E do meu peito os sensuaes prazeres,

Escolhe d'entre as átticas figuras,
 A escrava favorita da Princeza
 Que é rival das egypcias esculpturas!

Por isso a minha voz, em dôr accesa,
 Como o suave Zéphyro suspira
 Por teu amor, Egina, com tristeza . . .

Amo os teus lindos olhos de saphyra,
 E os divinos encantos dos teus seios
 Celebra docemente a minha lyra!

Os mancebos da Attica são feios . . .
Não desprezes, por isso, o teu pastor
Cuja flauta desprende taes gorgeios !

O meu peito acalenta a ingrata dôr . . .
Para onde vaes, mal rompe a madrugada,
Fugindo cruelmente ao meu amor,

Oh! minha linda ovelha desgarrada !

*A voz de Aristeu cala-se n'um murmúrio triste.
Depois, dos cantos dos bosques, gemem outras vozes, maviosamente.*

UM REGATO :

Vives chorando,
Vives chamando,
Ninguem te sente . . .
E vaes gemendo,
E vaes soffrendo,
Eternamente !

Tambem eu choro !
Socego imploro
Ao Zeus clemente,
E vou soffrendo,
E vou correndo,
Eternamente !

Esconde as máguas
Nas minhas aguas,
Oh! bom pastor !

Bem pode ser
Que as vá beber
Ó teu amor!

UMA ROSA:

Queres um beijo!
Louco desejo
Que Cypre inspira...
Ella não sente
A voz plangente
Da tua lyra!

Tenho igual sina:
A abelha fina,
Inquieta e louca,
Ai! já não vem.
Beijar tambem
A minha bôcca!

Ambos choramos,
E desejamos
Eguaes encantos!
Ai! chora! ai! chora!
O allivio mora
Nos tristes prantos!

UMA AVE:

Pobre pastor!
Sentes o amor
No coração,

E não lhe acodes,
Nem mesmo podes
Deitar-lhe a mão !

Soffro tambem ...
No céo, além,
Vejo um thesoiro,
Avanço, avanço,
E não alcanço
A estrella d'oiro !

Ambos queremos
D'esta maneira
O bem achar,
Mas passaremos
A vida inteira
A desejar !

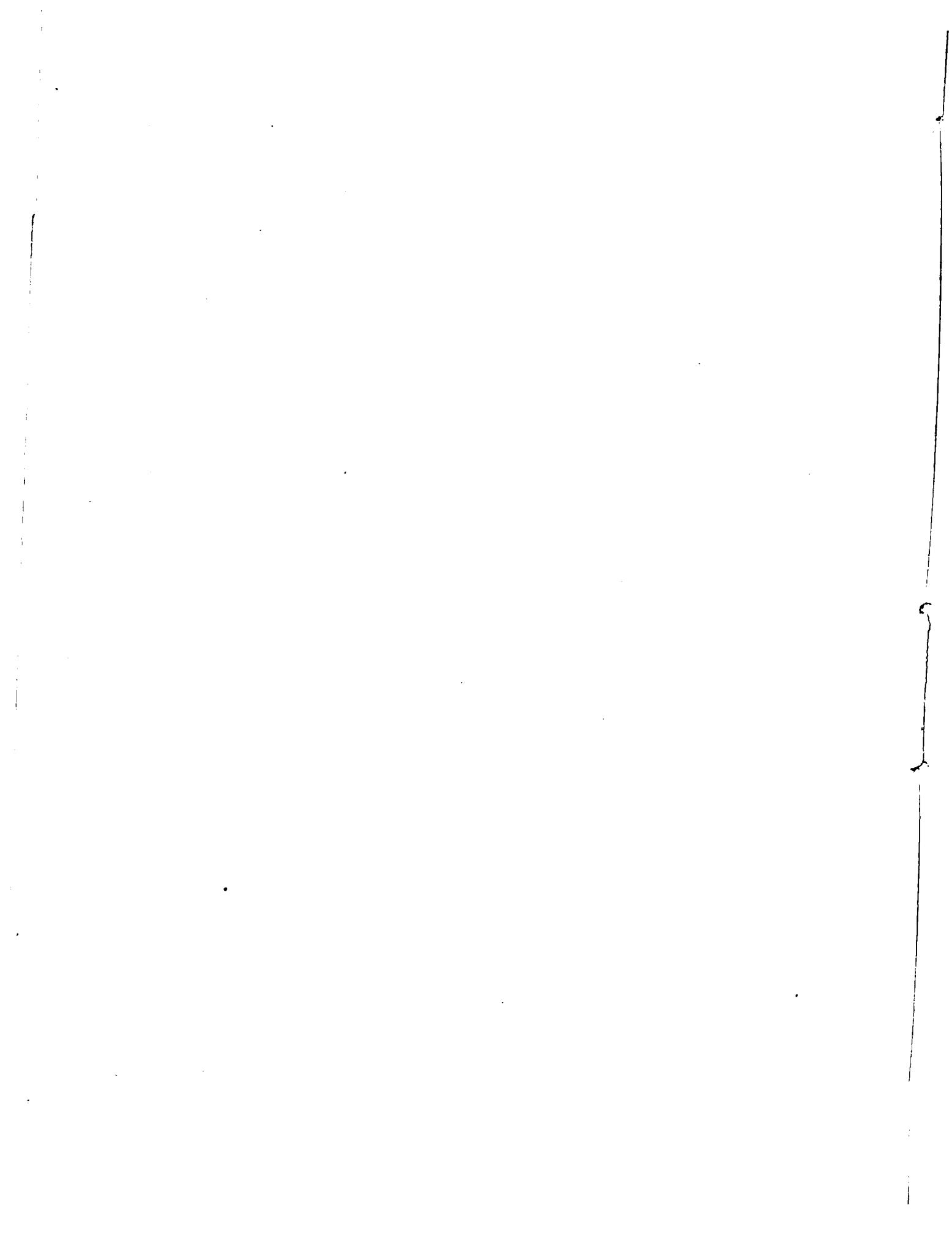
DUAS LAGRIMAS *correndo vagarosamente pelo rosto de Aristeu*

Miseria atroz,
Não ter no mundo
Alguem igual!
Olha p'ra nós,
Somos no fundo,
Ai! tal e qual!

Vamos unidas,
Correndo a par
Quando tu choras !

E as nossas vidas
Hão de acabar
A's mesmas horas!

O nosso amor
Vive a sorrir,
Sempre constante . . .
Ai! só a dôr
Consegue unir
O amante á amante!



SCENA III

Em quanto o pastor escuta as vozes da floresta, um ligeiro rumor agita a verdura em volta.

Aristeu conserva a fronte curvada para o peito, sob a pressão das desesperanças lançadas pelas vozes que ouviu.

Detraz d'elle o rumor continua, a folhagem abre-se, e Lydia surge, resplandecente, projectando a sua beleza cheia de gloria nas trevas do bosque.

Avança alguns passos e colloca-se a pequena distancia do pastor, contemplando-o com uma ardente caricia no olhar.

O pastor, ao ruido dos seus passos, levanta a cabeça, e admira pasmado, a maravilhosa mulher que tem em frente.

Lydia recebe o olhar de Aristeu, sorrindo, cheia de tentações.

ARISTEU

Alguem buscas em vão, bella nympha do mar!
E perdida talvez, vieste aqui parar!

LYDIA

Quem procurava achei, oh! divino pastor!

affectando humildade

Ouvindo a tua lyra a suspirar de amor,
Como a pomba fugi do seio do pombal . . .
E, guiada p'lo canto encontrei-te afinal!
Mas com tristeza vejo o teu olhar de gêlo
Fugir-me, embora eu queira, oh! grande Zeus, detê-lo !

pausa

Amas outra mulher e n'essa é que tu scismas!

baixando os olhos, com dissimulada tristeza

A gente vê o amor por diferentes prismas . . .
Paciencia! . . . é o que me resta! . . .

á parte

hei de attrahil-o assim!

ARISTEU

E' loucura o que estás dizendo contra mim!
Eu nem sei quem tu és . . . mas vou-te achando graça,
Offereces-te, pois, como qualquer devassa . . .

com orgulho e indifferença

Não perturbes a paz da minha enorme dôr !
Vae-te embora !

LYDIA *á parte*

É o momento! . . . agora sim!

alto

Pastor!

Não me julgues tambem por simples apparencias . . .
O amor conduz a gente ás maiores demencias !

tentando enfeitiçal-o

Tenho thesoiros mil cheios de pedrarias:
Saphyras do Oriente e rubís das Turquias!
Esmeraldas d'Axum, turquezas de Bornéo,
Maravilhas sem fim . . .

com a voz ardente

Debaixo d'este véo !

mudando de tom

Um grande lago azul com bódos de crystal . . .
Tenho ricos anneis e cofres de coral . . .

O leito onde adormeço e o palacio onde habito,
 São bellezas sem par, em pórphyro do Egypto!
 Nos meus vastos jardins resplandece um thesoiro,
 E arvores que dão divinos fructos d'oiro!
 N'um enorme pombal que os meus jardins guarnecce,
 Crio, por distracção, dez mil pombos de Messe . . .

pausa

Com perfumes da Lycia e com essencias flavas,
 Ungem-me o lindo corpo as minhas tres escravas!

com orgulho

Terei o povo inteiro aos pés, fraco e sujeito,
 Se prometter ao rei um canto do meu leito!

cala-se um momento. Depois, dando uma apaixonada inflexão à voz:

Queres ser o rival dos reis d'este paiz?
 No meu corpo os teus labios pastarão caricias,
 Todos te invejarão, serás o mais feliz,
 Aquelle cuja vida é um jardim de delicias!

ARISTEU *com ardor e altivez*

Não me pertence já o coração que sinto
 Neste peito bater!

LYDIA *sorrindo*

Hypocrita!

ARISTEU

Não minto!

Os cofres de coral, repletos d'oiro em pó,
 Não servem para mim que a todos metto dó.

A riqueza que tens augmenta a minha dôr!
 Uma rainha não faz caso de um pastor . . .
 Vae tentar na Cidade o poderoso rei
 Que tudo te dará! . . . eu nada cubicei!
 Apenas tenho, vê, as cordas d'esta lyra,
 Que chora a minha dôr e devagar suspira!
 Vae namorar o rei!

com a voz cheia de saudade

Eu amo a pobre escrava
 Que com seu triste pranto os teus joelhos lava!

contemplando-a

E' linda como tu mas encanta-me mais,
 Porque as joias que tem são todas naturaes!

reparando nos dedos de Lydia, onde faiscam pedrarias

Não se enfeitam de anneis os seus marfíneos dedos,
 E, em vez de aromas, traz na bôcca os meus segredos!

pausa

Nunca o seu corpo foi, no resplendor dos sólios,
 Ungido com jasmins e preciosos oleos!

olhando para as roupagens de Lydia

Ah! nem sequer invejo essas sêdas vermelhas!

saudoso

Acostumei-me á lã macia das ovelhas!

envolvendo-a n'um longo olhar

A luz que sae de ti é pavorosa treva
 I'ra os meus olhos fieis á imagem que os enleva!

fechando as mãos, nervosamente
Por Zeus, foge de mim!

LYDIA *encolhendo os hombros*

Não sabes o que dizes!

ARISTEU

No peito de um pastor crescem também raízes!

LYDIA *apaixonadamente*

Não queres este amor que te offereço, então?
Não me queres, pastor?

tono caricias humidas na voz
nem um só beijo?

ARISTEU *com um esforço desesperado*

Não!

LYDIA *descobrindo os braços, e estendendo-os, nis, a Aristeu*
Separam-me de ti apenas alguns passos...

com voluptuosas na voz
Já apalpaste, cruel, a pelle dos meus braços,
Tão perfumada e fina!

sorrindo, cheia de orgulho
estúpido!

ARISTEU *deslumbrado, e cedendo pouco a pouco à fascinação*
das maravilhas de Lydia.

Por Zeus!

Como és branca e gentil!

LYDIA *aparte*

Os mil encantos meus

Hão de o tornar em fogo, antes que se aborreça . . .

sorrindo

O homem nunca sabe onde tem a cabeça !

encolhendo os hombros, vaidosa

E as graças da mulher são traidores carinhos
Que fazem dos leões uns meigos cordeirinhos !

alto, arreçaçando o manto, que lhe descobre os pés

Repara nos meus pés ! . . . ai ! nunca os beijarás !

Quando corro no bosque as aves vem atraç !

Aristeu queda-se a contemplar os claros pés de Lydia

LYDIA

Ciumes inspirei a Cypris invejosa . . .

afasta o manto deixando entrever os joelhos

E os meus joelhos, vês, são todos côn de rosa . . .

enfeitiçando-o

Pois não gostas de mim ! não sejas tão cruel !

sorrindo

A abelha, embora má, sempre gostou do mel !

apaixonadamente

Vem !

ARISTEU dando um grito

Zeus ! eu fico doido !

LYDIA *cada vez mais terna*

Então, porque não vens ?

Esquece para sempre os antigos desdens !

Um corpo igual ao meu nem Pindaro o descreve . . .

afastando o manto, junto do colo

Os meus seios, não vês, são claros como a neve !

Nem os fructos da Lycia e as peras da Laconia,
Nem as doces maçãs da fertil Macedonia!

maliciosamente

Não gostas de mevêr...

ARISTEU *levantando-se, e correndo, como doido, para Lydia*

Oh! vibora! tu tentas!

Já não posso fugir ás graças opulentas
Do teu corpo ideal! és filha da Perfidia!
Por Zeus! foge de mim!

aperlando-lhe a cabeça, apaixonadamente

Como te chamas?

LYDIA

Lydia!

ARISTEU

Que nome tão suave! imita as melodias
Das aves que deixei no perfumado Egypto!

baixinho

Agora peço-te eu o que tu me pedias!

LYDIA *fingindo-se esquacida*

O quê? um beijo?

ARISTEU *beijando-lhe allucinadamente a boca*

Oh! sim! o meu olhar maldicto

Estava cego, ha pouco, ao desprezar o teu...
Pensei que amava a escrava, e o meu amor...

LYDIA *interrompendo-o*

Sou eu!

rindo

Trocaste os nomes mas não trocas as mulheres!
Chamavas pela escrava . . .

em voz baixa, apertando-o contra o scio

e a dona é que tu queres . . .

ARISTEU *cingindo-a pela cinta*

E's a estatua do amor! envenenas e brilhas!
Tens cabellos de luz e raras maravilhas!

com a voz trémula

Amei-a porque não te havia achado ainda!

LYDIA *amorosamente, arrastando-o para o bosque*

Estupido! . . . e não vês que eu sou muito mais linda?

Sahem

AS ARVORES *abaixando os ramos á sua passagem*

Eternos enganos Cupido inventou,
Com artes brilhantes . . .

E afim da esperança illudir quem amou,
Os olhos com oculos verdes tapou
Dos loucos amantes!

Pastor, tão depressa chamavas por uma,
Como outra querias!

O amor de teu peito era todo de espuma,
Veloz catavento mais leve que a pluma
Das ibis vadias!

Da Lydia venceram-te os labios em flôr,
E a fina artimanha . . .

Os homens são tôlos em coisas d'amor,
São môscas que cahem no laço traidor
Da teia da aranha . . .



A IMPRESSÃO D'ESTA OBRA
EFFECTUADA NAS OFFICINAS DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA
TERMINOU AOS DEZESEIS DIAS DO MEZ DE DEZEMBRO
DO ANNO DE MDCCXCVII



8. VII.

